



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Departamento de Educação Intercultural

XII Seminário de Educação - SED
23 a 25 de Outubro em Ji-Paraná-RO

Resistência Originária
Povos indígenas e Paulo Freire

ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: ATOS DE APRENDER A LER E ESCREVER NA ALDEIA MAMAINDÊ CABIXI¹

Maria Aparecida MAMAINDÊ¹
Josélia Gomes NEVES²

RESUMO

Neste texto, apresentamos os resultados parciais obtidos através do Plano de Trabalho realizado na EIEEFM Mamaindê Cabixi, da Aldeia Mamaindê Cabixi, Terra Indígena Vale do Guaporé. Constitui uma ação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) através do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia, na UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. O objetivo foi responder de forma introdutória, como as crianças indígenas Nambiquara do Povo Mamaindê aprendem a ler e escrever. Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia envolveu a pesquisa narrativa e documental. Os resultados apontam que a alfabetização nesta comunidade ocorre a partir do trabalho coordenado por uma professora indígena por meio de temas veiculados na língua indígena e na língua portuguesa em estreita relação com o conhecimento das crianças e com as práticas sociais e linguísticas da comunidade. Concluímos que é importante estabelecer diálogos com a Aldeia e as instituições formadoras a respeito das aprendizagens iniciais da leitura e da escrita tendo em vista as demandas indígenas contemporâneas.

Palavras-chave: Povo Indígena Mamaindê. Aldeia Cabixi. Ler e escrever.

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste texto é compartilhar os saberes resultantes do Plano de Trabalho realizado na EIEEFM Mamaindê Cabixi, na Terra Indígena Vale do Guaporé através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Rondônia, Campus Urupá de Ji-Paraná. O Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena (2018-2020).

¹ Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: apareidamamainde@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

escrita em escolas indígenas de Rondônia do Departamento de Educação Intercultural viabilizou às referidas atividades.

O referencial teórico que possibilitou a ampliação do tema e sua contextualização envolveu leituras de textos sobre educação indígena, bilinguismo, alfabetização intercultural, cosmologia do Povo Mamaindê, materiais metodológicos, além de documentos oficiais (BRASIL, 1998).

2 METODOLOGIA

O Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos* se caracteriza como um estudo qualitativo, onde, “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte [...]”. (GODOY, 1995, p. 21). Em função disso, utilizamos a pesquisa narrativa e a pesquisa documental.

A pesquisa narrativa tem a intenção de “[...] integrar investigação e formação no mesmo processo [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191), recurso importante neste trabalho uma vez que utilizamos a história de alfabetização do grupo como ponto de partida das reflexões. Recorremos também à pesquisa documental (GIL, 2008) procedimento que adota materiais que não passaram por análise, caso das atividades presentes dos cadernos escolares (MIGNOT, 2008) das crianças indígenas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Povo Indígena Mamaindê constitui uma das etnias da nação Nambiquara, popularizada por Lévi Strauss em *Tristes Trópicos*: “Os Nambiquara dormem no chão e nu. Como as noites da estação seca são frias, eles se aquecem abraçando-se mutuamente, [...]”. Por essa razão os Pareci os designam com um apelido: *uaikoakoré*, “os que dormem no chão”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 261).

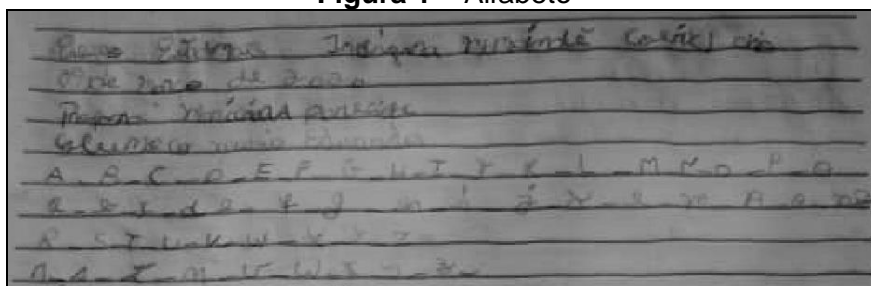
Neste trabalho trataremos especificamente da comunidade que compõe a Aldeia Mamaindê Cabixi composta por 60 (sessenta) pessoas distribuídas em 12 (doze) famílias na Terra Indígena Vale do Guaporé, localizada na divisa dos estados de Rondônia e Mato Grosso, abrangendo os municípios de Vilhena (RO) e Comodoro (MT). Este território foi homologado em 1985 mediante Decreto nº 91.210.

Uma das atividades culturais que é periodicamente realizada pelos Mamaindê é a Festa da Menina Moça. Constitui um dos rituais de passagem marcantes da tradição diante da primeira menstruação da adolescente, época em que ocorre a reclusão, como afirma Aparecida Mamaindê: “Ela fica presa numa malquinha redonda de palha aí vai da comunidade né, dos pais que vai decidir se ela fica 3, 4 meses depende né, às vezes a gente faz festa bem grande com bastante pessoas e vem outras aldeias”. (SYRYCZYK, 2016, p. 367).

Em relação as memórias de como aprendeu a ler e escrever, a bolsista informa que sua alfabetização aconteceu em língua portuguesa em uma escola da cidade com atividades baseadas na cartilha. Esse conhecimento, obtido por meio do “[...] exercício de escrita pessoal e o olhar posterior para estas narrativas fundamentadas na memória, representa um recurso metodológico de pesquisa, [...]”. (NEVES, 2009, p. 33), permite, dentre outro aspectos, contextualizar este evento à História geral do Povo. No caso dos Mamaindê, os anos 1980, tempo da alfabetização aqui discutido, foram marcados pela desagregação social considerando a indefinição territorial e os conflitos resultantes da abertura da rodovia 29, atual BR 364 no contexto da ditadura militar e da colonização em Rondônia.

A EIEEFM Mamaindê/Cabixi foi o local de realização do trabalho do PIBID Indígena realizado de setembro de 2018 a janeiro de 2020. Após autorização dos responsáveis, foi possível coletar e analisar as atividades presentes nos cadernos escolares das crianças indígenas.

Figura 1 – Alfabeto

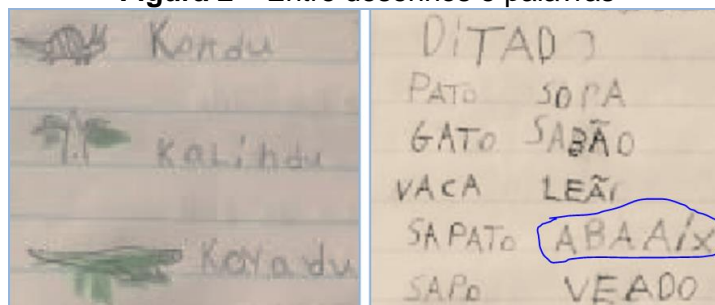


Fonte: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Vale do Guaporé

Uma das primeiras atividades localizadas foi o registro do alfabeto, trabalho importante uma vez que: “[...] o conhecimento do nome das letras constitui uma das

habilidades fundamentais para o domínio dos sistemas alfabéticos de escrita também na língua portuguesa”. (BARRERA; SANTOS, 2016, p. 1). A rotina pedagógica na alfabetização acontece por meio do trabalho das línguas indígena e portuguesa, faladas na comunidade, uma evidência do cumprimento da Convenção 169, que: “[...] prevê a participação dos povos indígenas na formulação e na execução de programas de educação, o direito de [...] alfabetizarem suas crianças em sua própria língua e na língua oficial do país em que vivem. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 35).

Figura 2 – Entre desenhos e palavras



Fonte: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Vale do Guaporé

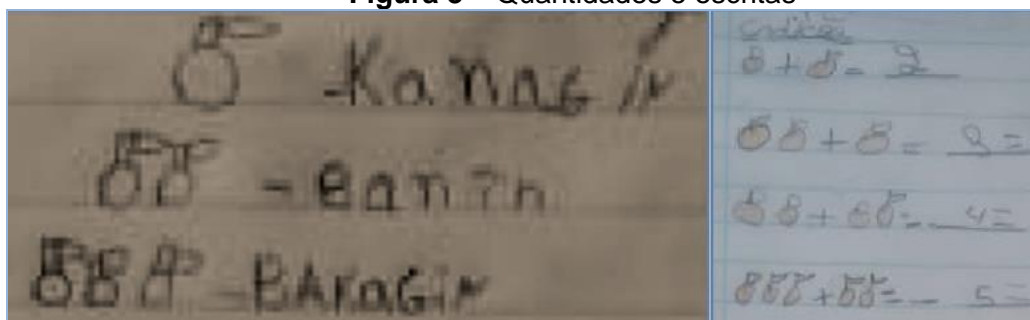
Os temas envolvem situações do dia a dia das crianças representado por meio de desenho como a cópia e leitura de nomes de animais conhecidos, como: *kôndhu* (jaboti), *kalôndhu* (morcego) e *kayádu* (jacaré). Uma atividade relevante na alfabetização, pois, “Quando a criança desenha livremente, ela já está elaborando idéias sobre a escrita. Está em processo de aquisição da língua escrita. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 135).

O ditado é uma das atividades que possibilita a inserção das crianças no mundo da escrita na Aldeia Mamaindê. A relação de palavras expressas em língua portuguesa evidencia no âmbito da concepção construtivista, uma das características da hipótese alfabética: “[...] resultado de um cuidadoso processo de ensino-aprendizagem, agora não mais (ou principalmente) de aspectos conceituais do sistema alfabético, mas, sim, das convenções som-grafia [...]” (MORAIS, 2012, p. 65). Significa afirmar que a criança nesta etapa aprendeu a escrever de forma alfabética. Neste momento, esta grafia pode ser uma palavra que atende as exigências da escrita convencional como “gato” ou não convencional, caso da

palavra "abacaxi", grafada como "abaaix" ou *kayádh*, escrito como *koyadu* que quer dizer, jacaré. Assim, desse momento em diante, o desafio é um contínuo exercício desta nova aprendizagem com vistas a alcançar os requisitos da convencionalidade.

E a Matemática como é trabalhada na alfabetização? Observamos que o desenho continua sendo utilizado como um recurso para a compreensão da quantidade, acompanhada com o registro escrito do numeral em língua indígena. Uma introdução ao sistema decimal, mecanismo que organiza os números de 10 em 10. Um conhecimento que pode ser articulado na escrita de outras palavras, por exemplo: quantas letras eu precisarei utilizar para escrever a palavra macaco?

Figura 3 – Quantidades e escritas



Fonte: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Vale do Guaporé

Outra atividade observada foram as atividades de iniciação ao cálculo que envolve os saberes de ajuntamento, a operação da adição, também por meio do suporte de ilustrações acompanhadas da escrita numérica em língua Mamaindê: *ka'nagã* - um e *ba'nĩ* - dois, por exemplo: "Estimativas e cálculos são igualmente importantes para a aprendizagem da matemática. O estudo do cálculo é considerado um dos aspectos mais importantes na área da educação matemática. [...]". (BRASIL, 1998, p. 174).

Assim, as atividades analisadas que permitem responder a questão do Plano de Trabalho: como as crianças Mamaindê aprendem a ler e escrever evidencia que estas aprendizagens envolvem continuadas ações adaptadas dos livros didáticos veiculados nas línguas indígena e portuguesa. Consideram o trabalho com temas da realidade, representados pelo desenho, cópia e ditado, demonstrando uma orientação importante para a docência intercultural, que é, "[...] é imprescindível que

os professores indígenas se tornem, além de tudo o que necessitam saber e fazer, também pesquisadores de suas próprias línguas. [...]”. (MONSERRAT, 1994, p. 16).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível compreender que as aprendizagens da leitura e escrita que acontecem na Aldeia Mamaindê, Terra Indígena Vale do Guaporé correspondem a uma série de proposições didáticas. Envolve o alfabeto, relação de palavras e desenhos produzidos pelos estudantes e reflete o uso das duas línguas faladas na comunidade. Um requisito importante para a Alfabetização Intercultural por possibilitar a conexão para a construção de sentidos da escrita articulada ao mundo da oralidade. É importante continuar este estudo para aprofundar a compreensão do processo inicial de imersão na cultura escrita Mamaindê. Uma questão importante que deve estar presente também nos diálogos com a Aldeia e as instituições formadoras considerando a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BARRERA, Sylvia Domingos; Maria José dos Santos. Conhecimento do nome das letras e habilidades iniciais em escrita. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil - V. 36, nº 90, p. 1-15.

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

FERNANDES SYRYCZYK, Edilberto. **O saber fazer matemático como prática social: um estudo entre os Nambikwara Mamaindê**. Orientador: Erasmo Borges de Souza Filho. 2016. 421f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) Universidade Federal do Mato Grosso, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática. Cuiabá– MT, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

MONSERRAT, R. M. F. O que é o ensino bilíngüe: a metodologia da gramática contrastiva. **Revista Em Aberto**, MEC-INEP: Brasília, julho, 1994.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena.** Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado) UNESP Araraquara. Araraquara–SP, 2009.